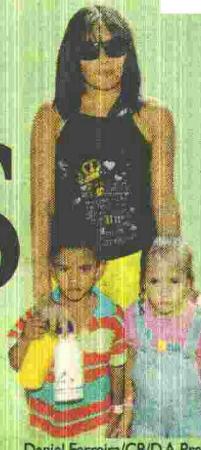


21 CIDADES



PRUDÊNCIA AO BRINCAR

A montanha-russa Colossus's Loop, do Nicolâncio Center, no Parque da Cidade, seguirá interditada até que uma perícia determine a causa do acidente que machucou quatro adolescentes no sábado. Por precaução, Noely Barros optou por levar os filhos, ontem, só aos brinquedos menos radicais

PÁGINA 24

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, SEGUNDA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 2008
Editor: Marcelo Tokarski
marcelotokarski.df@diariosassociados.com.br
Subeditores: Carlos Tavares, Cibelle Colmanetti,
Gustavo Cunha e Nelson Torreão
Coordenador: Roberto Fonseca
robertofonseca.df@diariosassociados.com.br
cidades@correio.com.br
Tels.: 3214-1180 • 3214-1181
Fax: 3214-1185

VIOLENCIA NAS ESCOLAS

Radiografia da rede pública do DF realizada por pesquisadores indica que mais da metade dos alunos presenciaram discriminação por causa da cor nos colégios e 63% testemunharam preconceito sexual

Intolerância entre alunos

ESTUDANTE DISCRIMINADO PELOS COLEGAS POR SER BAIXINHO.
"UM DIA ELES VÃO CAIR NA REAL"

ERIKI KLINGL E
DIEGO AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Aluno da 7ª série do ensino fundamental, Rafael* é negro. "Só que um dia o professor chamou ele de preto de sangue ruim. Daí, ele nunca voltou para a escola", conta o colega de turma do adolescente. "É comum eu ouvir: 'Olha, ela veio com a mesma roupa de novo.' E eu fico que ignoro", desabafa uma menina do 1º ano do ensino médio. "Aqui, se a pessoa tiver um jeito estranho já é gay e acaba sendo zoada", afirma Carolina*, da 8ª série. Em comum, essas histórias têm o cenário — salas de aula da rede pública de ensino — e o preconceito.

"A escola é um ambiente cheio de conflitos, o que não é ruim. Mas quando eles não são mediados de forma adequada acaba resultando em violência, mesmo que simbólica", explica a socióloga Miriam Abramovay, responsável por uma pesquisa que, pela primeira vez, diagnosticou a violência da rede pública de ensino no DF. O levantamento, feito com mais de 11 mil pessoas, entre alunos e professores, abordou o problema nas escolas de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e no ensino médio. A análise reflete um universo de mais de 186 mil estudantes e outros 20 mil docentes. Os dados relacionados ao preconceito são assustadores.

Nada menos que 55% dos estudantes já viram discriminação nas escolas por causa da cor e quase 13% contam que sofreram. Em números absolutos, isso representaria 24 mil adolescentes. Mas o que mais chamou a atenção dos pesquisadores foi a discriminação por causa da pobreza, sentida por

educação em risco

SENSAÇÃO DE MEDO

Agressões, ofensas e clima de insegurança atrapalham os estudos. A percepção é dos professores e dos alunos.

A VIOLENCIA AFETA OS ESTUDOS

	Alunos	Professores
Qualidade das aulas diminui	42,6%	67,6%
O ambiente fica pesado	48,4%	71%
Não sente vontade de ir à escola	39,8%	55,1%
Não consegue se concentrar	38,9%	64,8%

Fonte: Secretaria de Educação

DISCRIMINAÇÃO

O preconceito na escola ocorre quando o aluno é negro, pobre ou homossexual. E os mais novos são os que mais convivem com a discriminação

RAÇA

	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Já viu acontecer	62%	47,2%
Já sofreu	14,8%	9,7%

POR SER OU PARECER HOMOSEXUAL

	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Já viu acontecer	60,3%	66,9%
Já sofreu	4,2%	3,5%

POR SER POBRE

	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Já viu acontecer	46,3%	37%
Já sofreu	6,9%	5,2%

OFENSAS GENERALIZADAS

Quase metade dos alunos matriculados entre a 5ª e a 8ª séries do ensino fundamental e do ensino médio já sofreram agressão verbal. E cerca de 2% ouviram ofensas à família.

ALUNOS QUE JÁ SOFRERAM

Regional de ensino	Xingamento	Ofensas à família
Brazlândia	52,4%	31,6%
Ceilândia	43,9%	28,1%
Gama	42,5%	20,8%
Guará	42,9%	27,8%
Núcleo Bandeirante	45,6%	24,4%
Paranoá	44,1%	28,8%
Planaltina	39,3%	22,8%
Plano Piloto / Cruzeiro	48,8%	30,3%
Recanto das Emas	42,3%	23%
Samambaia	49,8%	26,8%
Santa Maria	52,7%	34,4%
São Sebastião	41,7%	24,5%
Sobradinho	44,3%	22,3%
Taguatinga	43,6%	21,2%
DF	45,3%	26,2%

6,1% dos estudantes vê vista de perto por 42%. "A gente não imagina que os números sejam tão altos", observa Miriam. Nas entrevistas, ela ouviu expressões que a chocaram. "Assentamento Haiti é nome de rua de Santa Maria. Churrasquinho é apelido de negros." Para a educadora Beatriz Castro, o fato preocupa. "Fica a dúvida se a escola cumpre o papel de formar cidadãos".

Desmaio

Quando o assunto é preconceito por ser ou parecer homossexual,

os casos são ainda mais frequentes: 63% dos alunos dizem que já viram discriminação. Dos estudantes do ensino médio, 4,3% já sentiram na pele a discriminação. Maurício* foi um deles. Tanto ouviu que um dia não aguentou tanta zombaria. Durante a apresentação de dança na feira cultural do Centro de Ensino Médio 3 de Ceilândia, duas semanas atrás, até tentou abstrair os xingamentos que ouvia, os gritos de veado e baitola. Mas, quando acabou a música, desmaiou. "Ele

zoando, ficou mais ainda. Aí desceu do palco, foi andando até o fim do auditório e caiu", descreve um aluno da 7ª série. O episódio ainda é comentado entre os estudantes. Maurício, segundo a turma, é homossexual assumido.

Os que gostam de ser os "malandrões" do colégio são os que mais zoam os colegas. Para sustentarem o status, costumam atingir os mais fracos, os negros, os gordos, os mais pobres, os baixinhos. Agridem com palavras, comentários, risadas. "O pessoal fica mangando de mim

direto, me chamando de 'limpador de aquário', essas coisas. Mas deixa quieto. Um dia ou outro eles vão cair na real", diz um garoto de 14 anos, 1,51m de altura, aluno da 8ª série do Centro de Ensino Fundamental 4 de Ceilândia. Na cidade em que mora e estuda, os xingamentos já foram ouvidos por 42% dos estudantes. Isso porque Ceilândia está longe de estar entre as piores. De acordo com a pesquisa, em Brazlândia e Santa Maria, metade dos estudantes costumam sofrer violência desse tipo.